

**LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO****A repercussão
da ação policial
na PUC**

*

**PUCviva acompanha
manifestações
em Brasília**

DEMISSÕES

Clima de tensão continua em Sorocaba

Na semana passada, nenhuma nova demissão ocorreu em Sorocaba, mas a tensão que dominou os funcionários na semana anterior persiste, dificultando sobremaneira as condições de trabalho no câmpus. "Ninguém consegue ter um desenvolvimento profissional satisfatório diante de um clima como este", afirma Benedito Arão, vice-presidente da AFAPUC. Segundo ele, tanto os trabalhadores aposentados, como aqueles que entraram há pouco na universidade, têm motivos para apreensão, uma vez que não existe clareza nos critérios adotados pela Reitoria para as demissões.

O Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Sorocaba e Região, junto com a AFA-PUC, está agendando uma mesa-redonda na Delegacia Regional do Trabalho para tentar reverter a situação. Em seguida, deverá ser marcada uma nova assembleia da categoria.

São Paulo

A reunião que estava marcada com a direção da AFAPUC em São Paulo, para discutir uma pauta de reivindicações dos trabalhadores administrativos, foi transferida para esta quarta-feira, 24/8. A assembleia dos funcionários foi mantida para esta quinta-feira, 25/8, na sala 239, às 14h.

EDITORIAL

Uma nova intervenção na PUC?

As recentes atitudes da Reitoria geraram um clima de terror na universidade: nos corredores da PUC, não se comenta outra coisa além das possíveis demissões de funcionários e corte de contrato de professores.

É sabido que a universidade enfrenta, há algum tempo, uma crise financeira e política. Gestores anteriores e atuais adotaram a solução mais corriqueira: honrar pagamentos de impostos e empréstimos bancários, parcelando o salário dos docentes, reajustando mensalidades e deixando de cumprir acordos salariais e sociais.

Em suas assembleias, os funcionários já deixaram claro que não gostariam de viver com o fantasma da crise ameaçando seu cotidiano. Mas descarregar o ônus dessa crise sobre a comunidade é inadmissível.

Se por um lado a atual gestão acena com uma postura de uma política institucional planejada em todos os seus detalhes, por outro, a falta de uma discussão aprofundada desse projeto e de seus desdobramentos faz com que professores, alunos e funcionários fiquem totalmente alheios às decisões da direção da universidade.

Foi assim que, no primeiro semestre, doze funcionários foram demitidos, sem que a sua entidade representativa tivesse prévio conhecimento e pudesse discutir as demissões. É da mesma maneira que 24 funcionários de Sorocaba são agora dispensados, novamente à revelia da associação.

A PUC-SP sempre foi marcada pelas posições de professores, funcionários e alunos, pela resistência dos centros acadêmicos e pela trajetória política das associações de professores e funcionários. Hoje, porém, essa livre manifestação está

sofrendo o cerceamento implacável de nossos gestores: os estudantes estão sendo coibidos de protestar sobre o valor das mensalidades, política de bolsas, valor do bandeirão, e até são perseguidos politicamente com ameaças de processos internos na universidade. Os docentes estão com os salários parcelados e enfrentam uma proposta de reposição de perdas salariais para além do próximo ano. Já os funcionários estão com uma pauta de reivindicação em que não se têm garantido o diálogo com a direção da universidade.

É a volta da intervenção na PUC-SP?

O que se vê hoje é uma reitora entregando, de maneira sutil, a autonomia financeira e administrativa da universidade, com risco de termos novamente uma intervenção. Estranhamos que a reitora nunca se pronuncie a esse respeito. Afinal, ela foi legitimamente eleita pela comunidade. Observamos que somente seus assessores (que não foram eleitos) falam em nome da universidade.

No passado, ações como estas puseram em risco a democracia universitária, que conquistamos com muita luta. Por isso, hoje é fundamental que a comunidade tome conhecimento do projeto acadêmico-administrativo e financeiro da instituição e possa interferir efetivamente nas decisões que afetarão os seus destinos.

Conclamamos aqueles que sempre combateram e resistiram às intervenções antidemocráticas a resgatar e garantir que a PUC-SP volte a ter sua plena autonomia acadêmica, administrativa e financeira.

Diretoria da Afapuc

Em defesa da PUC contra os traficantes

A recente invasão do câmpus da PUC-SP, pela polícia, para capturar traficantes de drogas, indica que a comunidade universitária – estudantes, professores e funcionários – precisa promover urgente reflexão, não apenas sobre a gravidade do fato em si, mas sobre a questão de fundo que atinge a todos – que é a paulatina ocupação do câmpus pelos traficantes de drogas.

No momento em que a polícia invade o câmpus, a reação normal de todos nós que cultivamos o direito à autonomia da universidade, é protestar contra essa invasão – uma violência inaceitável na história de luta e de dignidade da comunidade da PUC-SP.

No entanto, é preciso reconhecer que, antes mesmo de a polícia praticar essa violência, o câmpus da PUC-SP já foi invadido pelos traficantes e, da mesma forma, desrespeitaram a autonomia universitária. Na verdade, há muito tempo que os traficantes estão violentando o espaço universitário e desvirtuando as finalidades para as quais unimos nossos esforços – em torno do estudo, da busca do conhecimento e da formação profissional e cidadã.

Os traficantes se aproveitam do espaço de liberdade, de democracia e de tolerância que devem imperar nas atividades acadêmicas e no ambiente universitário, para impor o seu império de dominação, o seu mercado de consumo cativo, a fonte de renda das organizações criminosas, mesmo que essa ação seja danosa, sob todos os aspectos – para a maioria da comunidade.

Hoje, com certeza, a maioria dos estudantes da PUC-SP aceita, a contragosto, os “fumódromos” de maconha que funcionam dentro do câmpus. Muitos gostariam de se manifestar incomodados com essa situação, mas não sentem respaldo coletivo para se expor. Outros estudantes, principalmente quando estão vinculados aos Centros Acadêmicos, gostariam de tomar posição mais firme contra os “fumódromos” instalados nas sedes dos CAs, mas se sentem intimidados e ameaçados pelos traficantes. E, obviamente, não querem ser confundidos como informantes da polícia.

Está claro que o enfrentamento da questão passa pela defesa intransigente do território sagrado da universidade: os estudantes precisam ser apoiados na conscientização de que o espaço coletivo e público da universidade não é o local para o consumo de drogas; nem as salas de aula e nem as sedes dos CAs se prestam ao desvio de suas finalidades essenciais – para as quais nos encontramos e procuramos construir a nossa visão de mundo e os nossos ideais.

Nós, professores e funcionários, precisamos articular forças que nos tirem da apatia, do desinteresse ou de uma postura cômoda de achar que o uso de drogas dentro do câmpus é uma opção, um direito ou uma liberdade individual. Precisamos defender os nossos espaços de trabalho e de interação com os estudantes – pois somos também referência e influência sobre o que queremos dentro do câmpus universitário.

Aceitar que os traficantes continuem rompendo a autonomia universitária e conquistando espaços dentro do câmpus, é aceitar também a invasão da polícia ou mesmo de outros traficantes, que tragam para a universidade a violência dos ambientes dominados pelo tráfico de drogas.

Vamos, juntos, dar um basta nessa invasão.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

Prisão de estudantes reacende discussão sobre autonomia universitária

A entrada repentina de policiais no câmpus Monte Alegre para prender dois estudantes da Comunicação acabou dando novo fôlego ao debate sobre a autonomia da PUC. Os estudantes condenaram veementemente a presença policial dentro dos muros puquianos (leia carta do Conselho dos Centros Acadêmicos nesta edição). Dizendo-se surpreendida pela ação, a Reitoria também divulgou comunicado sobre o assunto. Alguns trechos podem ser vistos logo abaixo.

A prisão ocorreu na noite da terça-feira, 16/8, quando dois policiais à paisana entraram sem aviso na Comfil, e tentaram levar um estudante à força. Ele questionou o motivo da prisão, o que rapidamente levou a uma aglomeração perto do CA Benevides Paixão – foi quando os policiais decidiram algemá-lo. Depois disso, a movimentação aumentou, e o portão de entrada foi fechado pelos alunos. A polícia conseguiu forçar a passagem e levou o estudante e sua namorada à delegacia. Ambos foram liberados horas depois, e vão responder processo em liberdade.

O CA Benevides Paixão permaneceu fechado nos dias que se seguiram. “Decidimos realizar uma assembléia para repensar o uso do espaço”, conta Fábio Nasif, membro da gestão do Benevides. Segundo ele, é preciso resgatar a consciência política entre os estudantes, “para que participem de maneira mais produtiva”.

O trauma de 1977

Depois da histórica invasão de 22 de setembro de 1977, liderada pelo coronel Erasmo Dias, a comunidade puquiana adotou atenção redobrada em relação à sua autonomia frente a ações policiais dentro do câmpus. Em um caso mais recente, soldados fardados da Polícia Militar adentraram o Prédio Velho em setembro de 2003, durante uma festa que ocorria no Pátio da Cruz. Os PMs estavam acompanhados pela segurança da universidade, e sua presença causou revolta entre os estudantes, que entoaram palavras de ordem até que os soldados deixassem o câmpus. A festa seguinte foi intensamente monitorada pela então Reitoria, e culminou numa sindicância que puniu quatro estudantes com suspensão de 20 dias.

Reitoria

“Este episódio é um alerta para toda comunidade e para seus gestores: temos que andar mais rápido no sentido de reverter a situação que o gerou”, diz o comunicado da Reitoria sobre o ocorrido. “Temos que enfrentar a droga com vigor e com os métodos que são próprios da universidade em sua plena autonomia”.

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Diversa. **Reportagem:** Ébano Piacentini. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@uol.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. Fone: 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

Cecom terá sessão extra para discutir drogas

O Conselho Comunitário (Cecom) agendou para esta quinta-feira, 25/8, uma reunião extraordinária para refletir sobre a presença de drogas na universidade.

O tema já estava pautado antes da prisão de dois estudantes dentro do câmpus na semana passada, e aparece entre diversos outros itens listados pelo conselho para discussão ao longo do semestre. Tais itens foram relacionados durante a reunião da terça-feira, 16/8.

Política de bolsas, espaços de convivência, esportes, o 60.º aniversário da PUC, barulho no câmpus e o projeto de uma orquestra própria da universidade estão entre os temas que deverão ser abor-

dados antes do fim de 2005. A Reforma Universitária, a recepção dos calouros do próximo ano e a própria composição do Cecom também entrarão na pauta. Um Plano Diretor para o câmpus Monte Alegre está sendo traçado a partir de projetos anteriores não colocados em prática. Na visão dos conselheiros, a discussão desses assuntos deverá fornecer diretrizes para que seja traçada uma política comunitária geral para a PUC-SP.

Anjo da guarda

“O Cecom é o anjo da guarda da identidade da PUC”, definiu o vice-reitor comunitário João Dé-

cio Passos. Ele defendeu que a universidade vive um momento histórico decisivo, talvez o mais crucial “em termos de subsistência”, quando deve-se cuidar para “não deixar esfacelar nossa convivência democrática”.

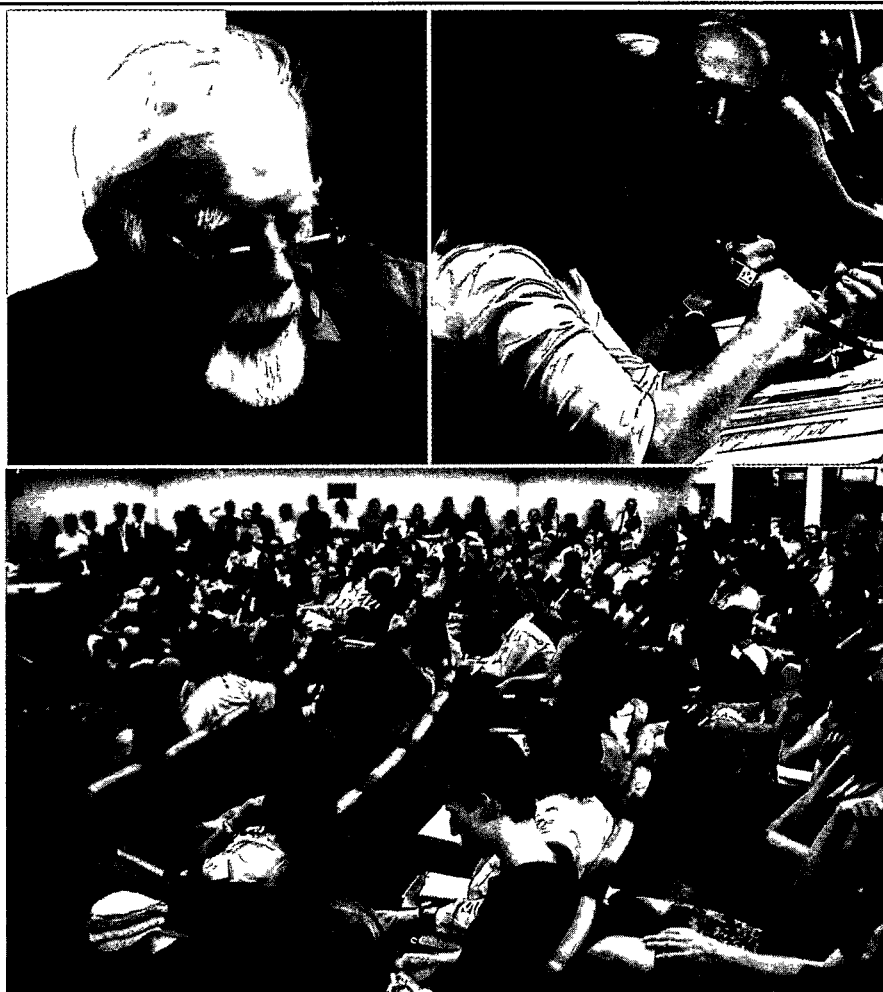
O conselheiro João Carlos Pires respondeu ao vice-reitor reivindicando que os planos de reestruturação dos setores da PUC, que a Reitoria já colocou em prática, sejam pauta no conselho. O funcionário relatou ao Cecom que o clima de temor que paira na universidade vem causando problemas de convivência: o receio sobre possíveis demissões vem tirando o estímulo dos trabalhadores da casa.

Economista francês lança livro na PUC

O lançamento do novo livro do economista François Chesnais lotou o auditório 333 na noite da quarta-feira, 17/8. A *finança mundializada*, obra organizada pelo francês e escrita junto com outros 11 autores, analisa as relações entre o mercado financeiro e os poderes políticos ao redor do globo.

Além do próprio Chesnais, o professor Lúcio Flávio de Almeida, do Departamento de Política, e a co-autora francesa Catherine Sauviat, também debateram as relações entre finanças e hegemonia mundial. No livro, Catherine estuda as consequências dos fundos privados de pensão, que transferem a corporações empresariais a responsabilidade pela aposentadoria dos trabalhadores.

A obra também foi lançada na USP e no Rio de Janeiro.



FOTOS: LEANDRO DIVERA

No alto, à esquerda, François Chesnais, ao lado de Catherine Sauviat e Lúcio Flávio. O público lotou a sala 333 para acompanhar o debate

CCA divulga Moção de Repúdio

À comunidade puquiana

Em 1977, invasão da PUC pelo secretário de segurança Erasmo Dias. Em 2004, agressão da tropa de choque na avenida Sumaré. Em 2005, um batalhão do Denarc para prender um estudante da PUC. É triste ver que, após tantas violações por parte de agentes de segurança, a irresponsabilidade continue sendo o mote da ação daqueles que se dizem zeladores da “ordem” e do “bem-estar social”.

Na terça-feira, por volta das 19 horas, aqueles estudantes que cotidianamente vinham para assistir às suas aulas, depa- raram-se com um show pirotécnico pro- vido pela Polícia Civil, que incluía des- files de metralhadoras, viaturas e brucu- tus completamente despreparados para uma ação como esta: a prisão de um suposto traficante dentro do câmpus.

Aqueles que deveriam garantir a nos- sa segurança colocaram-na em risco. Não é preciso ser nenhum especialista em segurança para reconhecer que ações pesadas, num local público, têm de ser discretas. O despreparo está justamente aí. No momento em que há maior circu- lação de estudantes, funcionários e pro- fessores, a Polícia Civil de São Paulo resolveu fazer uma desastrada incursão pelos corredores da Comfil (Faculdade de Comunicação e Filosofia). Foram

exibidas, como já citamos, algemas, me- tralhadoras e grosserias. Não foram um, dois ou três policiais, foram diversos. Tivemos a oportunidade de apreciar todo o poderoso equipamento de “proteção” da Polícia do Estado de São Paulo: várias viaturas, um helicóptero, dezenas de po- liciais, armas e muitas armas, e um dele- gado desequilibrado no comando.

O nosso repúdio não propõe uma dis- cussão acerca do que causou a entrada da polícia no câmpus. A questão das drogas na PUC e em qualquer outra universida- de do planeta existe, mas nada justifica expor e ameaçar estudantes alheios à problemática estabelecida ali, naquele momento específico.

Entre os impropérios que nós, estu- dantes, tivemos de escutar, os mais gra- ves foram as ameaças daquele que foi o chefe da operação. “Passo por cima de todo mundo”, “não vim falar com Reito- ria, advogado, vim prender um trafican- te, pode ser na universidade ou na igre- ja”, “se tiver 200 estudantes, trago 200 policiais. Se tiver 2.000 estudantes, tra- go a tropa de choque”. Essas foram as falas do senhor irresponsável “responsá- vel” pela operação.

O resultado não poderia ser pior. A agressividade da polícia gerou a indigna- ção dos estudantes, que forçaram o fecha-

mento dos portões, prendendo todos os policiais dentro do câmpus. Nesse mo- mento, as emoções à flor da pele podem causar situações trágicas – o que, naquela noite, foi evitado pelos seguranças comu- nitários da PUC. Faltou muito pouco para uma tragédia. E a culpa seria da polícia.

Fica aqui nosso repúdio a esse ato violento, irresponsável, autoritário, es- túpido, exagerado e merecedor de todos os outros adjetivos negativos possíveis. Esperamos que a universidade não dei- xe esse acontecimento passar em branco e cobre das autoridades responsáveis me- didas cabíveis. Lembremos sempre que situações como a de 1977 e a de 2004, nunca tiveram seus culpados devidamen- te punidos. A sociedade não pode tapan os olhos e confiar piamente em boletins de ocorrência. Os Erasmos Dias continuam exercendo seus cargos e es- tão sedentos por novos atentados aos direitos humanos.

Conselho dos Centros Acadêmicos – CCA – PUC-SP

Os artigos publicados nesta seção são de responsabi- lidade exclusiva de seus autores. Espaço disponível: máximo de 30 linhas, ou 2300 caracteres em fonte 12.

ASSEMBLÉIA DOS FUNCIONÁRIOS

25/8 – quinta-feira – 14h – sala 239

- ✓ Demissões
- ✓ Reajuste Salarial

Na semana passada, duas marchas na capital da República posicionaram-se frente à crise que assola o país. Na quarta-feira, 17/8, Conlutas, Conlute, PSTU, P-Sol e PCB entoaram "fora todos: Lula, Congresso, PT, PSDB e PFL". Outros partidos, como o PDT, o PPS e o Prona, compareceram ao ato, mas não figuravam entre os organizadores, e não tiveram participação expressiva. No dia anterior, CUT, UNE, MST e petistas gritaram "fica Lula". Ambos os movimentos condenaram a corrupção e a política econômica do governo.

Segundo o comando da Polícia Militar, a marcha do dia 17 levou 154 ônibus a Brasília, aglutinando cerca de dez mil manifestantes, enquanto que a do dia 16 levou 80 ônibus, num total aproximado de seis mil pessoas. Os estudantes da PUC engrossaram o coro do dia 17. Dois ônibus, um organizado pelo CACS e outro pelo CA de Letras, levaram cerca de 80 estudantes. A reportagem do *PUCviva* esteve presente à marcha do dia 17.

Uma terceira saída para a crise

Para a Conlute (entidade criada por dissidentes da UNE) a marcha do dia 17 propõe uma terceira saída à crise política, onde a volta da direita ao poder estaria totalmente descartada, nem se estimularia a palavra de ordem "fica Lula", punindo-se simplesmente alguns par-

Governo Lula: uma marcha a favor, outra contra



No alto, a manifestação que condenou o governo. Logo abaixo, a Marcha em apoio a Lula

lamentares. A entidade propõe uma alternativa classista, reunindo trabalhadores e estudantes na construção de uma greve geral.

A manifestação de quarta-feira foi organizada em quatro blocos: contra a corrupção, contra as reformas consideradas neoliberais, contra a política econômica de Lula/FMI, e pelo atendimento às reivindicações dos trabalhadores. Durante a caminhada, muitos manifestantes vestidos de parlamentares, com malas em punho e vestindo "cuecões" cheios de dinheiro, brincavam com os demais, oferecendo um "menção" em troca de apoio.

Na passagem em frente ao Ministério do Trabalho, foi entregue

um documento solicitando a retirada do projeto de reforma sindical do Congresso e o aumento do salário mínimo. Os marchantes rumaram em direção ao Palácio do Planalto, e por fim concentraram-se em frente ao Congresso Nacional, onde falaram as principais lideranças sindicais, partidárias e estudantis. Era comum ouvires presentes chamando os manifestantes do dia anterior de "chapa-branca" e de "caras-de-pau", ao invés de "caras-pintadas". Não houve confronto com a polícia.

A marcha pró-Lula

Na marcha do dia 16, os manifestantes exigiram a rigorosa apuração de todas as denúncias de corrupção, com a punição dos envolvidos, uma reforma política e mudanças na política econômica. Em

frente ao Ministério da Fazenda, leram a "Carta ao povo brasileiro", e criticaram a política de juros altos e superávit fiscal, que impedem um maior investimento na área social.

A UNE não defende a saída de Lula, já que isso representaria a volta da direita ao poder. A entidade sustenta que o movimento deve lutar por uma aproximação maior do projeto do governo com a base social. Já o MST prometeu uma onda de invasões caso suas reivindicações não sejam atendidas. No final da tarde, Lula recebeu uma comitiva, e prometeu um encontro entre a equipe econômica e os movimentos sociais.

Rola na rampa

Assembléia dos professores terá nova data

A assembléia docente marcada para a semana passada (15/8) foi transferida. Data e local serão informados nesta semana pela APROPUC. Na pauta, a proposta da Rei-

toria sobre o reajuste salarial deste ano (7,66% a partir de janeiro de 2006, e reposição das perdas em abril, junho e agosto do mesmo ano, com correção pelo ICV-Dieese).

Professor Luiz Carlos desliga-se da APROPUC

Ao assumir a direção do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (câmpus Marquês), o professor Luiz Carlos de Campos deixou o cargo de 1.º Tesoureiro da APROPUC. "No entanto, continuo como associado e acreditando no trabalho da nossa associação, como sempre atuante e em defesa da categoria dos professores, que com muito orgulho ajudei a constituir", afirmou o professor ao desligar-se da diretoria.

Monitore seu colesterol na PUC

Professores, funcionários e alunos com 40 anos ou mais podem detectar seus níveis de colesterol numa campanha que acontece na próxima semana dentro da PUC. Basta comparecer à antiga sala do Protocolo Central, no subsolo do Prédio Novo, e fazer o exame. A organização da campanha é do DRH e do Serviço Médico da universidade, em parceria com o Laboratório Merck.

Roberto Freire recebe homenagem

Roberto Freire, um libertário – este é o tema do ciclo de eventos que vai homenagear o criador da Somaterapia. As atividades começam na próxima segunda-feira, 29/8, sempre no 5.º andar do Prédio Novo. Às 14h, haverá um debate sobre *A Soma e o pensamento libertário*. Em seguida,

está programada uma demonstração prática da terapia criada por Roberto Freire. Às 20h, uma mesa-redonda analisa vida e obra do criador. No dia seguinte, às 16h, ainda no 5.º andar, haverá uma oficina de Soma e capoeira. O próprio Freire encerra o ciclo com uma palestra às 19h.

Letras: assembléia ataca Reforma Curricular

Reunidos em assembléia na segunda-feira, 15/8, estudantes de Letras reafirmaram sua reivindicação para que haja um plebiscito sobre a Reforma Curricular do curso. A auto-intitulada "carta-denúncia" divulgada pelos alunos reclama mais uma vez da falta de espaço para os estudantes no projeto de reformulação do currículo. "A elaboração desta reforma está sob responsabilidade de apenas um grupo seletivo de professores. [...] Temos o in-

tuito de barrar em sua totalidade o atual projeto". As principais críticas referem-se à incorporação de aulas on-line ao currículo. Os alunos também acusam o projeto formulado pela comissão de professores de tornar o curso "limitado, imediatista, tecnicista e funcionalista". O estudantes dizem estar dispostos a mobilizações intensas, para "em últimas consequências até paralisar a Comfil, penalizando assim outros estudantes".

Café cultural e show no Tuca

O primeiro Café Cultural do Tuca está marcado para esta quarta-feira, 24/8, às 19h30, no auditório superior do teatro. O evento dá início a uma nova série de encontros mensais, sempre discutindo temas da atualidade. O convidado da noite é o professor Mário Sérgio Cortella, do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e do pós em Educação. O tema

será *A necessidade dos clássicos no mundo contemporâneo*. Depois do encontro, será servido um cafezinho no saguão do Tuca. As inscrições para o primeiro Café Cultural podem ser feitas gratuitamente pelo site www.teatrotuca.com.br. Além disso, na terça-feira, 23/8, às 14h, o grupo Ariacorte realiza um concerto aberto no Tucarena.

Professores pedem meia-entrada em eventos culturais

Qualquer professor da rede municipal ou de instituições particulares da cidade já teria direito a pagar meia-entrada em eventos culturais como shows, cinema e teatro – não fosse pelo veto do prefeito José Serra. O assunto voltará agora à Câmara Municipal para análise. Serra alegou

que não seria possível avaliar o impacto da medida no mercado cultural paulistano, sem que se dimensionasse o número de professores beneficiados. Para o Sindicato dos Professores (Sinpro-SP), a mobilização da categoria será determinante para a derubada do veto.